



**larinha**  
**eu quero a árvore  
que existe**

seis reflexões para o mundo real

*para m., que me abraçou forte na casinha da floresta  
e em tantas outras ocasiões*

# **mas antes, uma palavrinha...**

**(ou “prefácio”, se você preferir)**

uma vez, durante uma longa ligação telefônica, contei pra uma amiga que estava escrevendo um livro. ela me felicitou com muito entusiasmo e emendou a pergunta: um livro sobre o quê? o silêncio meio constrangido que se seguiu levou-a a adotar uma abordagem um pouco mais específica. quer dizer, se passa onde, a história?, quis saber, ainda com ar encorajador. hum, é que não tem exatamente uma história, respondi, sentindo o sangue que corria em direção às minhas bochechas. ela quis saber como é possível um romance não ter uma história, e eu repliquei dizendo que não era um romance. o que é, então? o encorajamento na sua voz cedia lugar pouco a pouco a uma confusão cada vez mais perceptível. é... eu não sei te explicar exatamente. sou só eu, sabe? assim, falando sobre coisas. dessa vez o silêncio constrangido veio do outro lado da linha. sei, ela disse enfim. e você fala sobre que tipo de coisas? um ligeiro pânico me invadiu. ah, você sabe, retruquei, quase gaguejando. coisas de todos os tipos.

foi nesse momento que me dei conta de que não saberia de jeito nenhum explicar a alguém o que estava escrevendo. no processo de escrita tudo me parecia tão natural, correto e em ordem que eu nunca tinha parado pra pensar em como traduzir essa forte convicção mental em uma sinopse, em uma explicação que fizesse sentido do outro lado das paredes de carne da minha própria cabeça. àquela altura, eu já havia finalizado quatro dos seis escritos que compõem este livro, mas acabei reparando, depois dessa ligação, que não fazia ideia de como eles se conectavam em relação à temática. e pior: não sabia nem o que eles *eram*. afinal, antes da questão do conteúdo, havia ainda a questão do gênero. que diabos eu estou escrevendo? e por que diabos eu não me preocupei com isso até alguém literalmente me perguntar?

acho que todos nós estamos a par do fato de que a nossa sociedade cultiva um desejo ferrenho e muito urgente de definir e categorizar as coisas. assim sendo, era imprescindível que eu fosse capaz de encontrar de pronto a caixinha pré-fabricada ideal pra enfiar meu manuscrito. o primeiro passo da minha busca foi eliminar completamente todos os gêneros acadêmicos da lista de possibilidades, porque o simples ato de imaginar a necessidade de ter que produzir um texto acadêmico me dá náusea. escrevi dezenas durante a minha graduação em letras, e posso afirmar com muita convicção que cada um deles foi responsável por massacrar um pouquinho mais a minha alegria de viver. me formei na faculdade com muitos conhecimentos interessantes e uma excelente média final, mas, apesar de nutrir uma profunda admiração pelos bravos guerreiros que se dispõem a ser pesquisadores, preciso admitir que a academia nunca foi lugar pra mim.

certo, eu já sabia muito bem o que meu manuscrito *não era*. agora só faltava descobrir o que ele *era*. cheguei a ponderar se ele se encaixaria nos requisitos da crônica, mas descartei logo a hipótese

porque, a meu ver, o texto não era nem de longe narrativo o suficiente. em seguida, desprezei também a ideia da autoficção, posto que nada do que eu narrava era minimamente fictício. prosa poética, talvez? não, melhor parar de delirar e aceitar de uma vez por todas que meus escritos se enquadravam no escopo da não ficção. assim, me perguntei se este seria um livro de memórias ou uma autobiografia, mas achei o teor do texto opinativo demais pra isso. desconsidere logo em seguida todos os outros gêneros sérios ou científicos para os quais eu não tenho a menor qualificação. nunca estudei formalmente filosofia, psicologia, sociologia, antropologia ou teologia, e o que escrevo não tem, nem de longe, a criticidade, a precisão – e, principalmente, a *seriedade* – necessárias pra chegar perto de verdadeiras análises nesses campos.

no final, nessas de risca isso, risca aquilo, a única coisa que acabou sobrando na lista foi a famigerada autoajuda. sorri amarelo. veja bem, não é que eu me oponha estritamente à premissa da autoajuda; é só que, convenhamos, você tem que estar extremamente seguro de si pra se colocar na posição de detentor de um conhecimento digno de *ajudar* as pessoas. eu não sei ajudar nem a mim mesma direito, como é que vou dizer uma coisa dessas? além do mais, este não é um livro de diretivas nem de conselhos, muito pelo contrário: é a materialização das divagações (e pequenas descobertas) de uma pessoa que está tão perdida quanto todo mundo. por isso tive que riscar a última das possibilidades na qual havia conseguido pensar naquele momento. já tinha escrito quase cinquenta mil palavras e ainda era incapaz de classificá-las.

algumas semanas depois, meu companheiro passou pela sala do nosso apartamento e me viu sentada diante do computador, com meu arquivo de texto aberto, assistindo vídeos bobos no celular em vez de trabalhar no manuscrito. eu já havia dito a ele que, caso flagrasse esse tipo de situação, estava autorizado a me dar uma

bronca. larga esse celular e vai escrever!, ele ralhou atrás de mim. respondi, na língua de molière (que é também a língua nativa dele e a língua que usamos pra nos comunicar): *j'essaie!* estou tentando! foi nesse momento aparentemente banal, escutando minha própria voz, que fui iluminada por uma ideia que havia me escapado até ali: *essai*. essa palavra em francês, cuja tradução literal é *tentativa*, originou também o gênero literário que acabou ficando conhecido em português como *ensaio*. e sim, meus pensamentos percorrem uns caminhos meio estranhos às vezes, eu sei.

eu nunca havia chegado a incluir “ensaio” na minha lista original de possibilidades. na verdade, antes mesmo de começar a lista em questão, acabei descartando essa alternativa junto com todo o resto que coloquei debaixo do guarda-chuva dos “gêneros acadêmicos”. se você conhece o conceito de ensaio, pode estar se perguntando por que é que eu fiz isso. bom, é que esse nunca foi um gênero que eu tive o costume de ler no cotidiano. como grande parte das pessoas, minhas leituras se limitavam, na maioria das vezes, a romances. assim, os únicos ensaios que havia lido na vida eram os ensaios acadêmicos exigidos pelos meus professores da faculdade. a repetição gerou a associação – passei a acreditar que o único tipo de ensaio que existia era aquele preconizado pela academia.

os textos ensaísticos em questão eram sempre escritos por grandes pensadores, tinham uma vasta base teórica, uma eloquência inigualável e apresentavam dezenas de referências. já tive até que redigir três ou quatro ensaios como atividade avaliativa de algumas matérias da faculdade, e escrevê-los foi penoso e torturante, como todo o resto dos trabalhos naqueles quatro anos. sempre sofri enormemente pra me adequar aos limites e normas da escrita acadêmica. a experiência na universidade acabou me ensinando a relacionar o termo “ensaio” a um escrito que é necessariamente muito sério,

reservado aos grandes nomes das ciências humanas, e que, portanto, jamais seria pro bico de alguém como eu.

foi só a partir da bronca que levei do meu companheiro por estar mexendo no celular em vez de trabalhar que me ocorreu a ideia de que era bastante curioso o fato de esse gênero tão austero e prestigioso se chamar literalmente “tentativa” em francês. e o nome em português, então? eu nunca havia pensado a respeito, mas “ensaio” não quer justamente dizer teste, preparação, experimento?

acabei descobrindo, depois de muitos anos de ilusão (e poucos minutos de pesquisa no google), que ele tem esse nome porque é exatamente essa a sua ideia: o ensaio é um esboço, uma simples opinião que não é pra ser levada muito a sério, uma *tentativa*. é um texto subjetivo, impressionista, que pode ser informal e até poético. um ensaio, do outro lado das portas da academia, não tem uma forma ou um estilo bem definidos, ao contrário do que meus professores me fizeram crer, nem precisa conter ideias novas ou revolucionárias. ele pode ser uma simples reflexão, meditação ou defesa de um ponto de vista pessoal acerca de um determinado tema, não necessariamente pautada por pesquisas ou dados. já que ele pode adotar tantas formas e tons livremente, existem também, é claro, os ensaios sérios, formais, metódicos. talvez tudo isso seja óbvio pra você, mas não era pra mim, e não é pra muita gente.

depois desse dia, finalmente entendi: o que eu escrevia eram ensaios. eu me sentia meio estranha ao dizer isso, porque ainda levaria alguns meses pra internalizar que nem todo ensaio precisa ser acadêmico, e que eu não precisava ser uma grande pensadora das ciências humanas pra escrever um. demorou um pouco, mas quando essa ideia finalmente se cristalizou eu nunca mais olhei pra trás, e hoje sei que não poderia haver uma classificação mais exata. afinal, tudo que você vai ler nesse livro sou eu *tentando*.

se é assim, você pode estar se perguntando ainda por que é



que o subtítulo que escolhi é “seis *reflexões* para o mundo real”, e não “seis *ensaios* para o mundo real”. a razão é muito simples: é porque estou completamente ciente de que o uso desse termo poderia inibir muita gente de se arriscar a folhear o livro.

fiz uma rápida pesquisa informal nas redes sociais e confirmei minhas suspeitas. pedi às pessoas que me explicassem, com suas próprias palavras, o que é um “ensaio” enquanto gênero literário. recebi centenas de respostas; a porcentagem delas que simplesmente nem sabia que existia um gênero literário com esse nome era elevadíssima. também li várias vezes a suspeita de que haveria uma relação com o teatro, e que o ensaio seria uma espécie de roteiro, um texto feito pra ser lido em grupo, como durante o ensaio de uma peça. achei essa ideia bastante interessante e original, diga-se de passagem, porque nunca tinha pensado nessa associação.

entre aqueles que conheciam ou já tinham ouvido o termo, cada um me descreveu o tipo de “ensaio” que lhe era familiar. houve, é claro, muitas menções a ensaios clínicos ou acadêmicos, mas também havia quem não o enxergasse exclusivamente dentro do escopo da academia. uns diziam que o ensaio era um texto informal e subjetivo, outros que era formal e objetivo. uns afirmavam com veemência que era um escrito filosófico, outros tinham certeza de que ele possuía caráter científico. alguns defendiam que seu formato era livre, outros que ele deveria seguir uma série de regras. para alguns deveria ser bem curto, para outros tinha a dimensão de um livro inteiro. inúmeras foram as discordâncias.

descobri que muita gente até conhecia o gênero, mas achava que ele tinha outro nome. explico: dezenas de pessoas me escreveram, depois de ter pesquisado a definição de “ensaio” na internet, pra dizer que sempre tinham acreditado que esse tipo de texto se chamava “monólogo”. esse é, na minha opinião, um equívoco adorável. sorri radiante face a ele porque, pessoalmente, jamais poderia



discordar da sua lógica; eu também sempre tive a sensação de que o que estava fazendo quando escrevia esses ensaios era falar sozinha, mas por escrito.

quando perguntei se as pessoas já tinham lido algum ensaio, os “sim” diretos foram muito raros e os “eu não sei”, muito frequentes. pedi aos que responderam de forma afirmativa que me contassem o que motivou a leitura: uma vontade própria ou uma obrigação? se dez pessoas responderam “vontade própria”, foi muito. a esmagadora maioria diz ter sido obrigada a ler um exemplar do gênero na escola ou na universidade. também recebi muitos comentários que diziam que o ensaio não lhes despertava interesse, porque o associavam a um texto chato, sério, complexo.

foi por isso que decidi que não ia gritar “ensaio” na capa: porque esses ensaios que escrevo não são só para aquelas pessoas que conhecem perfeitamente esse termo; são pra todo mundo. estou contando agora só porque você já abriu o livro mesmo, então sinto que posso confiar em você.

de qualquer forma, eu estava orgulhosa de mim porque já tinha a metade de uma resposta pra dar à minha amiga; sabia enfim qual era o gênero do que estava escrevendo. ainda restava uma questão a resolver, porém: *sobre o que* eu estava escrevendo?

o certo é que jamais havia determinado uma temática universal pra esses textos. eu poderia dizer aqui que “escrevia sobre o que quisesse”, mas essa seria uma meia verdade. a sério, eu nunca *quero* escrever sobre nada; é o texto que *quer* ser escrito. sinto, francamente, que possuo um controle muito pequeno sobre as palavras que enfileiro. na prática, é a própria escrita que me fala para onde quer ir. estaria mentindo, por exemplo, se dissesse que algum dos ensaios deste livro seguiu um planejamento, por mínimo que fosse. eu tinha apenas ideias e vontades, claro, mas elas são muito diferentes de planos.

às vezes me sentava diante do computador e as palavras decidiam saracotear por caminhos muito curiosos. eu permitia que elas enveredassem por ruelas inusitadas na cidade do meu pensamento só pra ver aonde é que aquilo tudo ia levar, e me surpreendi muitas vezes. “então é isso que eu penso?”, repetia extasiada diante da tela. quando o destino da viagem era atingido, a cada vez que eu colocava o último ponto final de um escrito, me deleitava com o fato de sempre gostar muito da paisagem do lugar novo que havia descoberto dentro da minha própria mente.

o que quero dizer com tudo isso é que me parecia muito difícil agrupar esses ensaios sob uma mesma intenção, porque eles não haviam sido produzidos com um assunto geral específico em mente. até que um dia, sem muita inspiração pra escrever o que quer que fosse, mas determinada a trabalhar assim mesmo, decidi reler tudo que já havia redigido até ali de uma só vez, sob o pretexto de fazer uma revisão geral. sabe, quando estou escrevendo um texto em particular, é normal que o leia inteirinho dezenas de vezes. no entanto, raramente volto a ele a partir do momento em que o dou por concluído. quando tomei a decisão de revisitar a integralidade do manuscrito, por exemplo, fazia mais de um ano que não punha os olhos no ensaio mais antigo.

eu me lembrava, é claro, da essência e da intenção principal de cada texto, mas havia me esquecido de muitas das suas sutilezas; até porque algumas sutilezas eram tão sutis que eu nem havia reparado nelas durante o processo de escrita em si. ao fim da leitura, me senti muitíssimo surpresa ao notar que, entremeada àquelas palavras redigidas em momentos tão diferentes, havia uma ideia comum; uma ideia que eu nunca premeditei, mas que ainda assim ensopava todas as páginas com seu murmúrio impaciente. todas aquelas frases agrupadas, de algum jeito curioso, se uniam pra exprimir o mesmo retrato, a mesma ânsia: a sede do mundo real.

neste livro falo de tempo, de trabalho, de aprendizagem, de saudade, de ciência, de interesse, de escrita, de memória, de paixão. falo de estrelas e de árvores, de riachos gelados que correm no passado, de muros brancos cobertos de tinta, de adolescência e de araras-azuis, de trens sonolentos às cinco da manhã, de deuses e truques de mágica, e de muito, muito mais. nas entrelinhas, acho que o que une todas essas coisas é um lancinante anseio de descobrir, compreender e valorizar a realidade; uma vontade aflitiva de ver e aprender a existir no mundo. cada texto aqui é um fragmento desse desejo.

a escrita às vezes é assim: primeiro escrevemos, depois entendemos o que escrevemos. já cansei de me esforçar pra inverter essa lógica sem nenhum sucesso. hoje, tento simplesmente confiar na escrita como confio na realidade, e, quando consigo, não me decepção nunca com o resultado. eis aqui, então, o fruto mais recente da minha confiança: este livro que você lê agora, chamado *eu quero a árvore que existe*. ele tem esse nome porque, como você vai descobrir nas páginas que virão, a tal “árvore que existe” é o meu desejo mais essencial e doloroso, e acho que, no fundo, é também o desejo mais essencial e doloroso de todo mundo.

aqui começa a estrada. eu só espero que a paisagem te agrade.

larinha  
19/01/2024

*A espantosa realidade das coisas  
É a minha descoberta de todos os dias.  
Cada coisa é o que é,  
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,  
E quanto isso me basta.*

*Basta existir para se ser completo.*

Alberto Caeiro

# **eu quero a árvore que existe**

poucas coisas nesse mundo denunciam tão simples e explicitamente a passagem do tempo quanto uma árvore. e isso importa muitíssimo, especialmente pra mim.

a vida inteira eu convivi com uma espécie de cegueira temporal generalizada. meu cérebro tem muita dificuldade de processar de maneira adequada o tempo que transcorre. em pequena escala, isso significa, por exemplo, que frequentemente estimo muito mal o intervalo necessário pra realizar uma tarefa cotidiana – é inútil me dizer que tenho “quinze minutos” pra fazer alguma coisa. ou você me dá um cronômetro, ou nada feito. eu não sei o que são quinze minutos. sou completamente incapaz de sentir ou avaliar o que quinze minutos representam.

em grande escala, isso significa, por exemplo, que não sei distinguir muito bem o que aconteceu semana passada do que aconteceu há três meses ou cinco anos. não tenho a habilidade de enxergar a minha vida como uma fileira clara de eventos que se sucedem. é

como se tudo que já me aconteceu existisse simultaneamente no mesmo lugar, sem hierarquia alguma. pra usar uma metáfora emprestada do herman hesse, sinto minhas memórias como a água de um rio, que está no rio inteiro ao mesmo tempo.

dentro da minha cabeça, eu simplesmente não identifico a linearidade do tempo. digo isso de maneira bem literal, nada poética. essa é uma dificuldade terrível pra se ter numa sociedade que é baseada de modo tão profundo na necessidade de mensurá-lo. quando eu era mais nova e alguém me fazia uma pergunta simples, do tipo “quanto tempo faz que sua mãe saiu pra ir ao supermercado?”, eu entrava em pânico. tinha muita vergonha de dizer que não sabia, que não fazia a menor ideia. em vez disso, inventava um número qualquer que não parecesse esdrúxulo ou improvável. “faz mais ou menos meia hora”, eu respondia, sabendo muito bem que poderia fazer cinco minutos ou três horas e meia. sem um referencial, eu jamais seria capaz de notar a diferença.

ao longo da vida, tive que elaborar estratégias práticas pra me localizar temporalmente, porque é impossível ser um cidadão funcional de outra maneira. como consequência, acabei desenvolvendo também uma enorme obsessão por datas e horários. criei o hábito de olhar as horas a cada atividade que começava e concluía, ou a cada evento relevante de um dia. “minha mãe acabou de sair pra ir ao supermercado? ok, vou checar que horas são agora. assim, quando alguém me perguntar, eu vou poder olhar no relógio de novo e fazer as contas de quanto tempo se passou.” esse era, sobretudo, um exercício de memória. memorizava, todos os dias, várias vezes por dia, horários associados a eventos específicos – terminei meu dever de casa às 13:43, minha mãe saiu pra ir ao supermercado às 14:17, comecei a assistir televisão às 15:08.

não tenho nenhuma dificuldade para criar memórias. me lembro de pessoas, acontecimentos, lugares, canções, filmes. o problema

é que, se eu tenho uma lembrança de algo, jamais saberia *naturalmente* dizer se aquele episódio específico ocorreu quando eu tinha cinco anos ou vinte e cinco. aqui, é preciso frisar, falo puramente da *sensação* da lembrança. é que a memória dos meus cinco anos não me parece de nenhuma forma mais antiga ou longínqua que a memória dos meus vinte e cinco. na verdade, os acontecimentos que se desenrolaram aos meus cinco parecem possuir o mesmo peso e distância dos acontecimentos que se desenrolaram em qualquer outro ano, como se eles estivessem todos sobrepostos num mesmo ponto, não dispostos numa linha. dentro da minha cabeça, a impressão que tenho é que a minha vida inteira aconteceu em simultâneo.

isso não significa, no entanto, que eu me confunda com frequência e conte a alguém uma história da minha infância como se ela tivesse ocorrido na minha vida adulta; muito pelo contrário. embora ambas me *pareçam* verdadeiramente ser concomitantes, eu sou perfeitamente capaz de analisar elementos concretos de uma memória pra conseguir datá-la, porque é isso que todo mundo faz, no final das contas. se a lembrança em questão é de uma viagem específica, por exemplo, basta recorrer ao ano da viagem. saber quando algo aconteceu, na maioria das vezes, depende somente de uma rápida análise do ambiente, das circunstâncias e das pessoas envolvidas na memória.

além do mais, eu convivo com essa desorganização temporal há décadas – e já aprendi a gerenciá-la com maestria. desenvolvi um excelente sistema pra compensar e esconder minha inaptidão, evitando todo tipo de embaraço. na verdade, minhas histórias são sempre muito, muito precisas no que diz respeito ao tempo dos acontecimentos; bem mais precisas que as histórias da grande maioria das pessoas, diga-se de passagem. faça uma pergunta sobre a minha trajetória e eu responderei com uma certeza, não com uma conjectura. estou muito segura ao fazer essa afirmação, porque sei



que passei anos a fio memorizando obsessivamente o catálogo de acontecimentos da minha vida.

aprendi a associar anos, idades, séries da escola e eventos específicos com muita rapidez. para minha sorte, eu nasci em dezembro, então sei que passo um ano inteiro sempre com a mesma idade, o que facilita bastante a tarefa. assim, do mesmo modo que nem temos mais que pensar pra saber que 18:00 são seis da tarde ou que 21:30 são nove e meia da noite, quando me falam do ano 2006, por exemplo, eu sei de imediato que tinha nove anos de idade e estava na quarta série do fundamental numa escola específica, e que foi o ano em que adotamos uma cadela extremamente traquina. sei disso e de muito, muito mais. todas essas informações me vêm de uma só vez à simples menção do ano, qualquer que seja o ano, porque decorei todos eles.

hoje é muito claro pra mim que essa necessidade quase compulsiva de falar da minha vida e do tempo com muita exatidão e confiança vem de um medo profundo de que percebam que eu sou intrinsecamente incapaz de fazê-lo. é uma habilidade que desenvolvi – à exaustão – como forma de compensar uma incompetência que me era muito constrangedora por algum motivo; uma habilidade na qual eu me tornei artificialmente excelente só por reconhecer que era naturalmente péssima.

é claro que uma hora ou outra acabei percebendo que, na verdade, ninguém realmente *sente* no interior de si o tempo que passa nem a diferença de distância entre as memórias. todas as pessoas têm que pensar um pouco e tentar se agarrar a elementos concretos pra determinar quando um evento aconteceu, e seus palpites são imprecisos grande parte das vezes. todo mundo cita datas equivocadas e faz estimativas temporais absurdas o tempo todo, e ninguém liga muito pra isso. na verdade, frequentemente me pego corrigindo meus amigos ou minha família quando eles dizem que uma coisa tal ocorreu num momento tal, mas eu sei perfeitamente

bem que foi dois anos antes, ou quando afirmam que já estamos fazendo algo há três horas, mas eu olhei no relógio e sei com certeza que faz só uma hora e quinze.

hoje eu sei que minha inaptidão para hierarquizar o tempo não tem nada de diferente nem constrangedor: todos nós somos assim em algum grau. o problema é que, quando enfim despertei pra esse fato, já era tarde demais. me dei conta da desimportância que a sociedade confere à assertividade temporal quando eu já tinha passado décadas treinando incansavelmente pra desenvolvê-la.

ninguém escapa ileso de uma vida inteira baseada nessa lógica ansiosa e obsessiva de pensamento. no meu caso, a consequência é que criei o hábito quase inconsciente de procurar ao meu redor e memorizar, o tempo todo, elementos espaciais concretos que pudessem servir de base pra uma localização temporal. me refiro a coisas que podem mudar ao correr do tempo, como a cor de uma parede, a posição de um móvel, a floração de um arbusto, a construção de uma casa ou algo do gênero. eu sei que, se prestar bastante atenção no mundo, serei capaz de associar esses elementos a datas e eventos: “isso aconteceu quando a parede ainda estava pintada de azul, quando o sofá ficava do outro lado da sala, quando esse arbusto não estava florido, quando essa casa ainda não tinha sido construída”. criei uma necessidade violenta de me lembrar da vida e, pra isso, preciso prestar muita, muita atenção nela.

• • •

**um dia, plantei uma árvore.** fui até um viveiro de plantas com a minha mãe e escolhi com muito cuidado uma muda de amoreira que devia ter uns setenta centímetros de altura. plantei-a contra um dos muros do quintal. quando a muda chegou na nossa casa ela já tinha duas amoras verdes grudadas num de seus

criei uma necessidade  
violenta de me lembrar  
da vida e, pra isso,  
preciso prestar muita,  
muita atenção nela.

**larinha**

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,  
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.  
Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos  
e poderá participar de promoções e sorteios.

[sextante.com.br](http://sextante.com.br)

